

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE GESTÃO
ADMINISTRAÇÃO

BÁRBARA TAYNÁ LEAL

A CRISE DO NEGÓCIO DO ARTESANATO NO ALTO DO MOURA
E O IMPACTO SOBRE OS JOVENS DA COMUNIDADE.

CARUARU
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE GESTÃO
ADMINISTRAÇÃO

BÁRBARA TAYNÁ LEAL

A CRISE DO NEGÓCIO DO ARTESANATO NO ALTO DO MOURA
E O IMPACTO SOBRE OS JOVENS DA COMUNIDADE.

Trabalho apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em
Administração, da Universidade Federal de Pernambuco, Centro
Acadêmico do Agreste, como requisito parcial para aprovação na
disciplina Trabalho de Conclusão de Curso.

Orientador: Prof. Marcio Sá

CARUARU
2018

Catálogo na fonte:
Bibliotecária – Simone Xavier - CRB/4 - 1242

L435c Leal, Bárbara Tayná.
A crise do negócio do artesanato no Alto do Moura e o impacto sobre os jovens da comunidade. / Bárbara Tayná Leal. - 2018.
39f.; il. : 30 cm.

Orientador: Márcio Sá.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Administração, 2018.
Inclui Referências.

1. Artesanato. 2. Alto do Moura (Caruaru, PE). 3. Jovens. 4. Crise econômica. I. Sá, Márcio (Orientador). II. Título.

658 CDD (23. ed.)

UFPE (CAA 2018-132)

BÁRBARA TAYNÁ LEAL

A CRISE DO NEGÓCIO DO ARTESANATO NO ALTO DO MOURA
E O IMPACTO SOBRE OS JOVENS DA COMUNIDADE.

Este trabalho foi julgado adequado e aprovado para a obtenção do título de graduação em Administração da Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste

Caruaru, de julho de 2018

Prof. Dr. Marconi Freitas da Costa
Coordenador do Curso de Administração

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Marcio Sá
Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste
Orientador

Prof. Dra. Denise Clementino de Souza
Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste
Banca

Profa. M. Sc. Jessica Rani Ferreira de Sousa
Autarquia Educacional do Belo Jardim (AEB-FBJ)
Banca

Prof. Dr. Everaldo Fernandes da Silva
Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste
Banca

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho primeiramente a Deus que me iluminou durante essa longa caminhada. Também aos meus pais, Tania e Arão, que são meu espelho de vida. Sem vocês nada disso seria possível.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por todas as bênçãos sobre minha vida. Sou grata a Ele por ter me conduzido pelos melhores caminhos ao longo desses 4 anos e meio.

Aos meus pais por todo apoio, incentivo e sobretudo, por tudo que fazem por mim. Obrigada pelos conselhos, pelo amor e também pelas palavras verdadeiras que recebi durante toda minha caminhada. Vocês são protagonistas na minha história.

A todos os meus familiares que estiveram presentes nessa caminhada, em especial as minhas irmãs, que me ajudaram e me apoiaram em todos os momentos. Também à Vínicius por seu companheirismo e por me incentivar a ser melhor todos os dias. Um presente que ganhei durante essa trajetória e que me ajudou a crescer e vencer muitos obstáculos. Obrigada por estar ao meu lado nos momentos de conquistas e também nas horas difíceis.

Em especial, agradeço ao meu orientador Marcio Sá, que além disso, se tornou meu professor-amigo. Obrigada pela oportunidade de estudar com você e por tantos ensinamentos ao longo da caminhada. Agradeço por estar sempre presente quando precisei, pela disposição em ajudar e aconselhar, e por cada incentivo nas horas de cansaço e desânimo, e mais que isso, por me inspirar como estudante e para vida. Foi um presente trabalhar na pesquisa e produzir esse trabalho junto com você.

Às meninas do projeto de pesquisa, Shirley Kevilen e Tatiane Florêncio, que dividiram comigo alguns momentos difíceis, mas também, muitos momentos de alegria. Também a minha banca, aos Professores Denise Souza, Jéssica Rani e Everaldo Fernandes, por dispor do seu tempo para ler e ouvir sobre minha pesquisa.

À FACEPE pelo financiamento da pesquisa maior na qual está se insere e pela oportunidade de trabalhar durante um ano como bolsista PIBIC (2017-2018).

A toda comunidade do Alto do Moura, que me recebeu de braços abertos e me ajudou nessa pesquisa. Em especial, agradeço aos meus entrevistados, que doaram um pouco do seu tempo para me ajudar e contribuir com sua parte empírica.

Aos muitos e grandes amigos que fiz durante essa caminhada. Obrigada aos meus amigos da van, que muitas vezes foram um dos motivos que me fizeram acordar cedo para enfrentar mais um dia de aula, da mesma maneira, agradeço a seu Adelmo.

Aos meus colegas de sala de aula, em especial, aos meus amigos Karis, Samilly, Gabriel e Leonardo, que junto comigo enfrentaram e aguentaram meus momentos de tristeza e de alegria. Agradeço por cada ajuda, superação e por tantos momentos felizes que vivemos juntos. Conviver diariamente com cada um de vocês me trouxe aprendizado para vida inteira.

RESUMO

O Alto do Moura é um bairro de Caruaru-PE localizado a cerca de 7km do centro da cidade. A força da atividade artesanal na identidade comunitária é tamanha que na entrada do bairro nos deparamos com um portal no qual se diz que ali se trata do “maior centro de artes figurativas das Américas”. Através do crescimento e reconhecimento adquirido pela atividade ao longo do tempo, formou-se assim uma comunidade artesã. O local carrega consigo um valor simbólico devido a sua história e ao seu modo de vida próprio, entretanto, as novas gerações vivenciam uma tensão relacionada à continuidade da atividade e à cultura local. Este trabalho faz um breve resgate do artesanato no Brasil e no Alto do Moura no século XXI, trata também da crise do artesanato e de seus impactos na nova geração. Estes são associados ao crescente desengajamento dos jovens, que aqui foi mapeado e analisado, de forma que foi possível identificar os principais problemas que a atividade enfrenta junto a esse público específico. Para esta pesquisa foi feita uma série de entrevistas com jovens que continuam na atividade, seja por escolha, como forma de dar continuidade à tradição local, ou por ter sido a primeira oportunidade de sobrevivência encontrada no meio social em que vivem, e também um grupo focal com jovens que optaram por (ou se viram levados a) não trabalhar no artesanato por diversos motivos. O nosso objetivo principal pode ser inscrito nos seguintes termos: entender as principais motivações e os modos do desengajamento dos jovens da comunidade da atividade do artesanato, tendo em mente a seguinte questão: Quais rumos ocupacionais estão tomando esses jovens e quais suas visões sobre si mesmo e sobre as futuras gerações no contexto da crise do artesanato? Assim, de acordo com a pesquisa de campo, foi possível identificar diversos motivos pelo qual o desengajamento dos jovens da atividade vem tomando uma proporção maior nos últimos anos. Dentre eles alegou-se principalmente a concorrência desleal, as dificuldades para manutenção econômica, a crise nas vendas e o melhor acesso aos estudos como decisivos a essa migração do jovem membro da comunidade artesã para outras atividades.

Palavras-chave: Artesanato; Alto do Moura; Rumos ocupacionais; Desengajamento dos jovens.

ABSTRACT

Alto do Moura is a neighborhood of Caruaru-PE located about 7 km from the city center. The strength of craftsmanship in community identity is so great that at the entrance to the neighborhood we are confronted with a portal in which it is said that it is the "largest center of figurative arts in the Americas". Through the growth and recognition acquired by the activity over time, thus formed an artisan community. The place carries with it a symbolic value due to its history and the unique way of life they lead, however, the new generations experience a tension related to the continuity of activity and the local culture. In this way, the work is structured in a brief introduction about handicrafts in Brazil and Alto do Moura in the XXI century, also dealing with the handicraft crisis and its impacts on the community. These are associated with the growing disengagement of young people, which was mapped and analyzed here, so that it was possible to identify the main problems that the activity faces. For this research, a series of interviews were conducted with youngsters who continue their activity, either by choice, as a way of continuing the local tradition, or because it was the first opportunity for survival found in the social environment in which they live, and also a group focal point with young people who have opted for (or have been led to) not work on handicrafts for various reasons. Our main goal can be inscribed in the following terms: understand the main motivations and ways of disengaging young people from the craft community, bearing in mind the following question: What occupational paths are these young people taking and what are their views about themselves and about future generations in the context of the craft crisis? Thus, according to the profile of each interviewee, it was possible to identify several reasons why the disengagement of young people from the activity has been taking a larger proportion in recent years. Among them, it was mainly alleged unfair competition, difficulties for economic maintenance, the crisis in sales and the better access to studies as decisive to this migration of the young member of the artisan community to other activities.

Keywords: Crafts; Alto do Moura; Occupational routes; Disengagement of young people.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
1.1	Justificativa, objetivo e metodologia	10
2	ARTESANATO NO BRASIL NO SÉCULO XXI E O ALTO DO MOURA	15
2.1	O artesanato no Brasil	15
2.2	O Alto do Moura e a crise do artesanato	18
3	A CRISE NO NEGÓCIO DO ARTESANATO	20
3.1	Valor simbólico do Alto do Moura para Caruaru aos olhos da comunidade	20
3.2	Principais desafios enfrentados pelo artesanato atualmente	21
3.3	Jovens que continuam no artesanato	23
3.4	Jovens que saíram do artesanato	25
4	A TENSÃO EMERGENTE E AS NOVAS GERAÇÕES	28
4.1	Continuar no artesanato <i>versus</i> trabalhar em outra atividade	28
4.2	O que se espera para as próximas gerações?	30
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
	REFERÊNCIAS	35
	APÊNDICE A: ROTEIRO ENTREVISTA COM JOVENS DA COMUNIDADE QUE NÃO ESTÃO NO NÉGOCIO DO ARTESANATO	37
	APÊNDICE B: BREVE RELATO DE EXPÊRIENCIA E DEMAIS ATIVIDADES DE PESQUISA	39

1. INTRODUÇÃO

O bairro do Alto do Moura se destaca em Caruaru-PE por sua grande produção artesanal. O local carrega consigo um valor simbólico devido a sua cultura e tradição própria, e por isso se diferencia em meio aos tantos outros bairros da cidade. Foi através do artesanato figurativo em barro que a localidade ganhou reconhecimento em todo Brasil, o que impulsionou ainda mais esse ofício, tornando-o assim, sua principal fonte de renda.

Em pleno século 21, o artesanato do Alto do Moura vem enfrentando mudanças no seu cenário. Muito se fala na comunidade sobre a crise desse negócio e seu impacto em todos os moradores, principalmente na nova geração. Por meio das entrevistas, foi possível entender quais são as principais dificuldades que esse ofício enfrenta, e observado que grande parte está associada à questão financeira.

Devido a isso, observa-se o crescente desengajamento dos jovens nos últimos tempos, o que está relacionado, na maioria dos casos, a questão financeira da atividade artesanal. Nas entrevistas, diversos tipos de perfis foram analisados, mediante a isso, foi possível identificar que muitos jovens estão saindo do artesanato para estudar, abrir seu próprio negócio ou trabalhar em alguma empresa da cidade, ainda que continuem fazendo nas horas vagas, acabam por colocar o artesanato como uma renda extra, quebrando assim a tradição do local. Além disso, é interessante ressaltar que a maioria desses já trabalharam com artesanato em sua infância ou juventude, tendo se servido da atividade para seu sustento, para obter sua independência financeira, ou mesmo para juntar dinheiro e pagar um curso universitário, por exemplo.

Há também jovens que continuam na atividade, seja por opção ou por terem sido encaminhados a isso devido ao meio social em que estão inseridos, mas que também, assim como os que deixaram a atividade, reclamam das muitas dificuldades que enfrentam por seguir no ofício. A partir disso, surge então a tensão silenciada presente na vida de boa parte da nova geração, em que, apesar de grande parte demonstrar amar a atividade artesanal, resolvem sair ou deixar a atividade, afim de obter um futuro melhor. Assim, emerge a dúvida entre continuar fazendo o que gosta e enfrentar tais dificuldades, ou ter que optar por outro meio de sobrevivência e abandonar, ou diminuir, o fazer artesanal.

Em síntese, neste trabalho procuramos mapear e analisar os principais problemas aos olhos da comunidade artesã do Alto do Moura, que estão levando os jovens a se

desinteressarem pela atividade, também como lidam com isso e o que pretendem para as futuras gerações.

1.1 JUSTIFICATIVA, OBJETIVO E METODOLOGIA

Gostaria de logo aqui registrar que esse trabalho se insere numa pesquisa maior¹ que tem como objetivo analisar e mapear tensões que emergiram neste século na comunidade do Alto do Moura. A partir de amplo leque de atividades que foram realizadas naquele âmbito, aqui analisamos um grupo focal com seis jovens (quatro homens e duas mulheres) que continuam na atividade. Este foi elaborado a partir de um roteiro semiestruturado, gravado, transcrito, e a partir disso, foi feita uma análise das falas que se mostraram mais significativas. Neste grupo foi possível observar diversos perfis entrevistados, pois, há quem havia estudado ou trabalhado em outro negócio, mas voltou pra atividade por algum motivo, há quem concilia o artesanato com outros trabalhos complementares e também aqueles que cresceram exercendo esse ofício e agora não se sentem preparados para o mercado de trabalho, e por isso, acabam sendo levados a continuar. Além disso, observações feitas no âmbito maior do trabalho possibilitaram um olhar mais aprofundado sobre a comunidade e um melhor entendimento sobre a crise do negócio.

Para esta pesquisa mais específica, também foram feitas oito entrevistas semiestruturadas com jovens² que não estão ou nunca estiveram na atividade. A faixa etária aberta para os entrevistados foram de 20 a 40 anos, tendo conseguido entrevistados de 26 a 40 anos, e todos são “nascidos” no Alto do Moura. Entre os entrevistados foi observado os diferentes contextos em que vivem e perfis que possuem, bem como sua escolaridade e seu emprego atual, como pode ser visto na tabela abaixo (tabela 1). O roteiro (apêndice 1) produzido para o público de interesse foi dividido em três eixos: 1) Atividades prévias e atual do entrevistado; 2) Razões do não engajamento; 3) Horizontes de futuro. Estas, também foram gravadas e serviram para a construção das histórias de cada um dos entrevistados.

¹ O projeto de pesquisa “A gente e o negócio do barro: dilemas e perspectivas para a comunidade artesão do Alto do Moura no século 21”, coordenado pelo Prof. Marcio Sá.

²Neste trabalho utilizamos o termo jovens para se referir à nova geração.

Tabela 1:

ENTREV./ IDADE	ESCOLARIDADE	ATIVIDADE ATUAL	DESCRITIVO
A 29 anos	Concluiu um curso técnico	Proprietária de um bar no Alto do Moura.	Começou a trabalhar com barro ainda em sua infância. Depois de iniciar curso técnico, dos estudos se distanciou devido a dinâmica de estágio, e hoje, ainda pinta algumas peças para o irmão nas horas vagas.
B 30 anos	Concluiu um curso superior	Funcionária Pública	Sua mãe é artesã, e ela, em algumas manhãs livre ainda pinta peças. Na maior parte de sua vida ela trabalhou com barro, e diz ser apaixonada pelo ofício, mas como profissão, prefere a sua atual.
C 32 anos	Concluiu um curso técnico na área de saúde e cursa 7º período de um outro curso na área de humanas.	Enfermeira	Sua mãe é artesã, e seu pai (falecido) era atravessador. Ela já trabalhou no artesanato como pintora, mas aos 17 anos parou e se dedicou aos estudos, pois diz nunca ter pretendido seguir esse caminho.
D 35 anos	Ensino médio completo	Cabelereira	Filha de um artesão reconhecido na comunidade, em sua infância trabalhou com barro. Quando jovem, se mudou para outro bairro da cidade e por isso se afastou da atividade. Depois de casada, teve oportunidade de fazer um curso de cabelereira, e resolveu voltar para o Alto do Moura e abrir seu salão apenas para o público masculino.
E 29 anos	Concluiu o ensino superior e especialização na área.	Coordenação de uma instituição de ensino	Filha de uma família tradicional da comunidade, foi a primeira da sua família a concluir um curso superior. Em sua infância já trabalhou no artesanato como pintora, e hoje, nas horas vagas, ainda mexe pois diz ser apaixonada pela

			atividade.
F 37 anos	Ensino médio completo	Vendedor em uma empresa da cidade	Começou a trabalhar com artesanato aos 8 anos de idade e sobreviveu dela por muito tempo. Hoje, diante da dificuldade financeira que enfrentou, decidiu procurar outro emprego, porém, nos finais de semana ainda produz algumas peças.
G 31 anos	Ensino fundamental completo	Operador de máquina em uma empresa do distrito industrial	Apesar de nunca ter se interessado pelo artesanato em sua juventude, quando casou, começou a produzir por incentivo de sua esposa e conseguiu um bom retorno financeiro durante algum tempo. Devido às dificuldades que se iniciaram, trabalhou como caminhoneiro da empresa em que atua hoje, e depois passou a ser operador de máquina. Abriu um pequeno negócio para a esposa na garagem de casa, e ainda produz peças para alguns clientes que compram em grande quantidade.
H 27 anos	Ensino médio incompleto	Trabalha em um bar no Alto do Moura	Nunca trabalhou com artesanato, e diz que sempre enxergou a desvalorização e as dificuldades que o ofício possui. Seus pais não trabalham com artesanato, e sua esposa produz algumas bonecas e se matem apenas desse ofício.

O caráter desta pesquisa é qualitativo do tipo descritivo-exploratório e tem como objetivo compreender as principais motivações e os modos do desengajamento dos jovens da comunidade e da atividade do artesanato, tendo em mente a seguinte questão: Quais rumos ocupacionais estão tomando esses jovens e quais suas visões sobre si mesmo e sobre as futuras gerações no contexto da crise do artesanato?

Para melhor entendimento do tema, inicialmente foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre publicações acadêmicas de diversas áreas como geografia, pedagogia, turismo, administração e design, que tratam do Alto do Moura ou do artesanato em geral. Foi possível

perceber que grande parte dos trabalhos se voltam para os diversos modos de intervenção na atividade, ou procuram definir e classificar o artesanato, dessa forma, poucos são os que tratam das tensões que diversas comunidades, como o Alto do Moura, enfrentam para dar seguimento à atividade por meio de suas novas gerações.

A relevância desse tema se justifica pelo entendimento de que essa atividade é de importância significativa tanto para a economia da comunidade quanto para o imaginário e o simbolismo da região. Por isso, se faz necessária a pesquisa e discussão sobre o assunto, buscando mapear quais os horizontes de futuro desafiam o seguimento da atividade e como os jovens da comunidade estão se relacionando com tudo isso.

Vale ressaltar que não foi encontrado nenhum trabalho que trate de jovens no artesanato na realidade agrestina. Portanto, este pode ser usado para pesquisas futuras sobre esse tema, bem como, os dados aqui apresentados podem ser importantes para a criação de políticas públicas para jovens na cidade de Caruaru e em especial, na comunidade do Alto do Moura³.

O trabalho segue estruturado em três sessões além desta introdução e das considerações finais. A primeira, dividida em dois temas, trata sobre o artesanato no Brasil neste século (2.1) e como essa atividade é vista por alguns autores, bem como, traz um breve histórico sobre o Alto do Moura (2.2), retratando o modo de vida local e a crise do artesanato. Na sessão três, trata-se da crise da atividade aos olhos dos jovens bairro. Em primeira instância, mostra-se os principais problemas que a atividade enfrenta (3.1) e aborda-se um tanto da importância desse local e desse ofício para a cidade (3.2), demonstrando o valor simbólico que possui e suas singularidades. No terceiro tópico, baseado na pesquisa de campo, retrata-se como vivem os jovens que optaram ou se viram levados a continuar no artesanato (3.3), da mesma forma, no próximo mostra o que dizem aqueles que não estão mais nesse ofício, o que levaram a sair e o onde estão agora (3.4). Na sessão 4 buscou-se trazer as tensões emergentes desse contexto. Procura-se mostrar o dilema entre continuar no artesanato x trabalhar fora (4.1), algo que vem causando um grande impacto em toda comunidade, pois muitos se perguntam se o artesanato vai acabar e o que será da atividade no futuro. Também é trazido à tona o que os entrevistados dizem sobre as próximas geração (4.2) diante do

³A comunidade possui uma associação de moradores e artesãos (ABMAM) que costuma representar os interesses locais perante o poder público. Sob essa organização fica a responsabilidade de pensar e lutar, junto com os moradores, por melhorias para o bairro e para atividade. Tive a oportunidade de apresentar este trabalho na assembleia ordinárias da associação de agosto de 2018.

contexto de crise que vivenciam hoje. Nas considerações finais se faz uma breve reflexão sobre o tema e algumas questões para pesquisas futuras são apresentadas.

2. ARTESANATO NO BRASIL NO SÉCULO XXIE O ALTO DO MOURA

2.1 O ARTESANATO NO BRASIL

O artesanato no Brasil se caracteriza por sua grande variedade e por estar presente em todas as regiões do país, sendo cada uma com suas especialidades. Além de expressar cultura e valores do meio em que se insere, também é uma importante forma de fonte de renda (TEIXEIRA et al., 2011). A região Nordeste é a principal área de tradição cultural e turística do Brasil, destacando-se no cenário nacional pela variedade e expressividade das suas produções (SEBRAE, 2008). Segundo um estudo realizado pelo Banco do Nordeste (BNB, 2002), existem aproximadamente 3,3 milhões de artesãos apenas nessa região.

Esse tipo de atividade se trata de uma forte “manifestação cultural e artística” que se apresenta em 64,3% dos municípios brasileiros (IBGE, 2007). Em uma outra pesquisa feita pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC, 2002) mostrou que o Brasil possuía cerca de 8,5 milhões de artesãos, representando 2,8% do PIB e só em 2010 a atividade movimentou uma média de R\$ 28 bilhões de reais.

O artesanato em barro já era conhecido pelos indígenas que habitavam o país, entretanto, a introdução de máquinas, como o torno e a produção em série, foi uma interferência marcante dos portugueses na atividade artesanal. Em relação a região Nordeste, é possível identificar vários estados produtores, alguns voltados para peças decorativas ou figurativas e outros para peças utilitárias. Em Pernambuco, os locais que mais se destacam na atividade é o Alto do Moura por seu “caráter artístico”, onde se costuma expressar o cotidiano local em suas peças produzidos em tamanhos e formas variadas, e Tracunhaém, com outro tipo de traço próprio a sua produção (ARAUJO, 2006).

Apesar de se encontrar em grande parte da literatura autores que buscam definir e conceituar o artesanato e seu modo de fazer, existem outros que contrariam esse posicionamento, argumentando que a atividade desempenha diversos papéis na sociedade. Citando assim, que por ser uma atividade transmitida de geração para geração, ela se incorpora no “modo de vida, saberes e fazeres de uma determinada sociedade”. Ela também é considerada uma atividade social, devido ao modo familiar em que se organizam nesse tipo de negócio. Além disso, é uma importante forma de geração de renda e pode ajudar no desenvolvimento local e redução das desigualdades sociais (BRANDÃO, 2013). Diante disso,

em meio aos diversos atributos desse tipo de atividade, fica muito difícil defini-la sem observar a singularidade de cada contexto no qual ela se dá.

No Brasil, foi criado o Programa do Artesanato Brasileiro por volta de 1977, que tem como intuito “coordenar e desenvolver” meios de valorização para o artesão, buscando elevar “seu nível cultural, profissional, social e econômico”, compreendendo o artesanato como empreendedorismo, afim de impulsionar este tipo de negócio. O mesmo entende artesanato como trabalho decorrente do uso de matérias primas, que é feito manualmente por uma pessoa que detenha “técnicas, criatividade, habilidade e valor cultural”. Desta forma, buscam fortalecer o artesanato como forma de geração de renda e viabilizar o acesso para novos mercados, através da capacitação dos artesãos (PAB, 2010).

Para Bezerra (2007), o artesanato remete a uma certa nostalgia pois possui aparência “rústica” ou “primitiva”. Logo, o fazer artesanal se diferencia da produção industrial por requerer maior tempo e dedicação, além de ser feito, na maioria das vezes, por pequenos grupos.

Há também autores que tratam do fazer artesanal como “uma expressão genuína de uma cultura”, e que por meio da produção de peças, o artesão expressa seu conhecimento, originalidade, cultura e territorialidade (CASTILHO, 2017). Além disso, vale ressaltar que essa atividade acontece de forma imbricada com o dia a dia, com características locais e com o meio sociocultural em que está inserido, usando assim o trabalho manual como forma de expressão (OLIVEIRA; CAVEDON; FIGUEIREDO, 2012).

O artesanato normalmente é transmitido com o passar do tempo e reproduzido no modo de vida de determinada sociedade. Por meio dessa atividade também é possível construir relações sociais e familiares, além disso, é importante para o país devido a sua capacidade de gerar renda e ajudar no desenvolvimento local, assim podendo contribuir para a diminuição da desigualdade social (BRANDÃO; SILVA; FISCHER, 2013). Grande parte dos locais que possuem a atividade artesanal como principal meio de sobrevivência têm ela como maneira de imersão no mercado de trabalho para a maioria da população, principalmente quando o local apresenta alguma desigualdade ao acesso de bens e serviços públicos e se encontram distantes dos requisitos profissionais exigidos em grande parte das empresas, e assim, se veem levados a abraçar tal ocupação (BEZERRA, 2007).

Desta forma, observa-se que nas comunidades que apresentam o artesanato como principal fonte de renda, as crianças iniciam na atividade ainda em sua infância, como forma de complementar a renda da família (ARAUJO, 2006). O ofício pode ser considerado uma “resposta para o problema do desemprego”, pois fortifica as atividades tradicionais, aumenta a

ocupação de mão de obra, estimula a economia local e carrega em si os valores locais. Ou seja, o artesanato também pode ser visto como um “instrumento de ocupação produtiva e gerador de renda, fixando o homem no campo, evitando o êxodo rural, intensificando trocas culturais e comerciais entre os países, incentivo ao turismo e conservação do meio ambiente” (PARENTE, 1994, citado por CARVALHO, 2001, p. 19).

Apesar de alguns autores considerarem que o seu processo produtivo é um fator determinante para diferenciá-la de outras atividades, alega-se que a produção manual está ligada a criação de peças singulares e a valorização do “único e exclusivo” (MAZZA et al, 2007; RAMOS, 2013). Outros dizem que “o trabalho artístico sempre foi reprodutível”, na medida em que sendo um trabalho manual eles podem ser copiados e reproduzidos por meio de técnicas (BENJAMIN, 2010).

Na literatura, é possível encontrar argumentos que apontam que a forma de produzir em série é utilizada como um meio para sobreviver diante as tensões que a atividade enfrenta. Argumenta-se que o artesão não possui “tempo ou recursos para investir em técnicas, estética, qualidade e capacitação”, e desta forma, ele precisa receber o pagamento o mais rápido possível, para repor os seus materiais e conseguir seu sustento (VERGARA; SILVA, 2007, p. 35).

Também, a reprodução se apresenta como uma tensão emergente em diversos meios de artesanato onde o artesão se vê pressionado a entrar na dinâmica de reprodução, deixando de lado seu desejo de criar ou continuar com as peças tradicionais de determinados locais (CAMPOS, 2005).

A partir do surgimento dessas tensões como forma de tentar sobreviver da atividade, encontra-se em seu seio ao que se denomina neste trabalho de “crise do artesanato”, o que não se configura como um problema isolado apenas de uma comunidade. Como citado por Araújo (2006), os jovens do Tope em Viçosa do Ceará (local que sobrevive do artesanato em barro) também reclamam da queda das vendas e colocam como principal fator gerador desse problema a grande quantidade de reprodução. Da mesma forma, temos como exemplo o Alto do Moura, local que também sobrevive dessa atividade artesanal e se destaca por sua “cultura do barro” (SOUSA et al. 2015). É lá também que muitos jovens estão procurando outras formas para sobreviver, e assim, perdendo o interesse em continuar o trabalho tradicional local.

2.2 O ALTO DO MOURA E A CRISE DO ARTESANATO

O Alto do Moura é um bairro do município de Caruaru, localizado a sete quilômetros do centro da cidade. O local é conhecido por ter como sua principal atividade econômica o artesanato, e por ter em sua entrada um pórtico com a seguinte inscrição: “o maior centro de Artes Figurativa das Américas”. Ganhou seu reconhecimento nacionalmente devido a produção de artesanato figurativo, que costumava representar a antiga realidade do local, como por exemplo: a mulher fazendo renda, o vaqueiro, o caçador, o agricultor e outras cenas do cotidiano. Foi Vitalino Pereira dos Santos que deu início a tradição de peças figurativas no Alto do Moura, quando aos seis anos de idade, pegou um pedaço de barro da sua mãe, que trabalhava como “loiçeiros”, e fez algumas peças para levar para feira com seu pai, e assim conseguiu vendê-las (SILVA, 2007).

Vitalino começou a ganhar seus primeiros trocados pela venda de suas peças, e depois disso, não deixou mais de acompanhar seu pai na feira. A maneira de fazer seus brinquedos (bois, vaqueiros e caçadores) foi um fator determinante para a história da cidade e do Alto do Moura. Quando mais velho tornou-se Mestre, pois costumava ensinar “a arte” para seus vizinhos. A chegada de Vitalino com sua família para fixar residência no Alto do Moura na década de 1940 é considerada até hoje um dos principais marcos históricos do seu desenvolvimento como comunidade artesã (ROCHA, 2014; FERREIRA, 2015).

Com o crescente reconhecimento, Vitalino começou a participar de exposições em todo Brasil, e assim, vários colecionadores, turistas e intermediários iam até o Alto do Moura para adquirir suas peças. Vale ressaltar que antes da arte figurativa, a produção de cerâmica já se fazia presente no local, entretanto, só eram feitas peças utilitárias, para uso próprio ou para vendas (LIMA, 2001).

O Mestre deixou muitos seguidores devido a expressividade de suas peças. Atualmente, no Alto do Moura existem centenas de artesãos que seguem a tradição de Vitalino, e outros que criam ou reproduzem outros tipos de peças. Ainda hoje a atividade artesanal garante o sustento da maioria das famílias da comunidade, ou seja, o barro é a base econômica e é de grande importância para o contexto local, pois, além do ofício artesão, há outros tipos de ocupações que estão ligadas à produção, como oleiros, pintores, forneiros e preparadores do barro (FERREIRA, 2015; SILVA, 2007).

O artesão é considerado por alguns como “representante da tradição local” (GONÇALVES, 2013), e o processo de aprendizagem da atividade acontece pela troca de saberes passadas por gerações, em que, segundo Silva (2016, p.74) “o contato desde a

infância com a argila assegura o processo de ensino-aprendizagem que passa pelo tocar, ouvir e nas mais diversas formas do artesanato do Alto do Moura”.

É interessante registrar que os comerciantes de artesanato, principalmente os externos à comunidade, são chamados de “atravessadores”. Recebem esse nome porque normalmente viajam para comprar peças e comercializar em lugares distantes daquele onde compra. São eles que impulsionam o processo de produção e possibilitam que vários artesãos continuem na atividade, pois costumam comprar em maior quantidade (ROCHA, 2014; LIMA, 2001). Apesar de ser visto como “vilão” entre alguns artesãos, que atribuem a eles adjetivos como “exploradores” ou os culpam pela desvalorização e queda nas vendas do local, por outro lado, há também quem diga que eles são fundamentais para a continuidade da atividade até os dias de hoje, por permitirem o escoamento da produção local para outros mercados.

Por ser um bairro afastado da cidade, o local sempre enfrentou problemas de acesso, rede de esgoto, posto de saúde, ruas descuidadas etc. Esse difícil acesso as escolas ou a qualquer tipo de educação, influenciou na falta de formação das crianças da comunidade, por isso, grande parte que não podia ir ao colégio ficava sentado ao lado da mãe ou do pai observando os seus afazeres. Devido à carência de educação e formação presente na comunidade, os artesãos, ficam de certa forma mais vulneráveis ao tipo de negociação feita por boa parte dos atravessadores, que muitas vezes, conseguem ditar o preço que desejam das peças, comprometendo o ganho na atividade. Além disso, o insuficiente apoio dos órgãos governamentais e a pouca divulgação do local prejudicaram ainda mais o andamento da atividade (LIMA, 2001; SILVA, 2007).

Neste contexto, muito se fala na comunidade que o artesanato em barro do Alto do Moura enfrenta uma “crise”. Esta, por sua vez, vai além do problema do atravessador, colocando como principais fatores a concorrência desleal, a falta de união, o insuficiente apoio do poder público e a queda nas vendas (para turistas e para intermediários). Desta forma, tudo isso influencia nas decisões da nova geração quanto ao que desejam abraçar como ocupação ou seguir como profissão e o que esperam para o seu futuro, ocasionando assim, um crescente desinteresse dos jovens pela atividade.

3. A CRISE NO NEGÓCIO DO ARTESANATO

Segundo grande parte dos entrevistados, a atividade artesanal do Alto do Moura vem enfrentando diversas dificuldades, e por isso, o conjunto dessas dificuldades pode ser visto como uma crise no negócio do artesanato. Esta se encontra ligada a diversos fatores que surgiram no século XXI e que vem gerando uma tensão na comunidade, principalmente em relação a nova geração. Diante os diversos problemas, talvez aquele que mais tenha se destacado foi o modo como a concorrência vem acontecendo nos últimos anos: “a concorrência aumentou muito, essas queimas desvalorizam o produto, está se perdendo a cultura, como também não tem a divulgação nem nada, aí junta com a concorrência, pronto, e não tá dando, aí você tem que correr pra outras coisas”⁴.

Perante isso, é possível perceber uma crescente desmotivação dos jovens quando pensam em seguir no artesanato, apesar de alguns ainda viverem da atividade, todos os entrevistados demonstraram preocupação e desânimo quanto ao futuro da mesma.

3.1 VALOR SIMBÓLICO DO ALTO DO MOURA PARA CARUARU AOS OLHOS DA COMUNIDADE

A reclamação pela falta de apoio e incentivo por parte do poder público se faz presente em grande parte das falas das pessoas da comunidade, que se sentem indignadas pelo fato de considerarem o Alto do Moura como o principal ponto turístico da cidade:

O Alto do Moura é o maior ponto turístico de Caruaru, mesmo algumas pessoas não reconhecendo, é o maior centro de arte figurativa da América, né? Tem muito artesão aqui que realmente trabalha com a alma, fazem peças belíssimas, também tem a cultura do local que é muito rica, tem mazurca, mas infelizmente não é valorizada.

Desta forma, falam que o bairro e principalmente a atividade deveriam receber uma atenção maior por sua importância simbólica para a cidade, “o Alto do Moura deveria ser visto com mais carinho pra ter mais incentivo, porque é de onde vem a tradição e a cultura da cidade”. Também, colocam o bairro como fator principal para o reconhecimento do nome da cidade por todo Brasil, “Caruaru eu acredito que seja reconhecido nacionalmente, acho que

⁴Essa e demais citações diretas das falas dos entrevistados, quando necessário, foram objeto de pequenos ajustes ortográficos em conformidade com a norma culta da escrita da língua, muito embora em alguns casos, expressões específicas foram mantidas.

90% pelo barro, porque se não fosse o barro, Caruaru não tinha esse reconhecimento todo não”, além disso, também ressaltam: **“Caruaru só é realmente reconhecido por causa do Alto do Moura, pelas artes figurativas”**.

É interessante ressaltar a forma como retratam o valor do Alto do Moura para eles e para Caruaru. Todos os entrevistados expressam uma admiração singular e atribuem ao local um destaque em meio aos outros bairros da cidade, devido não só ao artesanato, mas também por sua cultura, tradição, dinâmica de vida e história local.

Eu acho que Caruaru não seria o que é sem o Alto do Moura. Eu sou suspeita pra falar porque eu sou apaixonada mesmo, mas Caruaru é um berço de artes em todos os sentidos, música, arte do barro, poesia ... mas o Alto do Moura que levou o nome de Caruaru pra fora do país, então tem uma força muito grande.

Apesar de muitos identificarem na comunidade diversos problemas similares ao de outros locais, tratam do bairro com certa singularidade, e por isso, a maioria ainda considera o local bom para viver. Este valor simbólico auto atribuído pelos membros da comunidade pode nos ajudar a compreender, mesmo que parcialmente, o engajamento de muito dos jovens na atividade.

3.2 PRINCIPAIS DESAFIOS ENFRENTADOS PELO ARTESANATO ATUALMENTE

Como visto anteriormente, a atividade passa por diversos desafios ligados à sua sobrevivência. Alguns atribuem a queda nas vendas à crise financeira que o país enfrenta, e conseqüentemente, à diminuição da frequência de encomendas dos atravessadores, “o artesanato, como todo negócio, passa por momentos de crise, é por esses momentos, e por ter cada vez mais gente trabalhando com isso, que vai ficando pequeno pra comportar todo mundo, aí as pessoas acabam indo buscar alternativas”.

Um dos principais problemas falados pelos entrevistados foi quanto a “parte financeira” da atividade, que, aos olhos desses, é um dos fatores mais relevantes ligado ao desengajamento dos jovens, “o artesanato tem o tempo bom e o ruim ... até julho é bom, aí quem tá na empresa quer voltar pro barro, depois é que fica ruim, e por aí vai”.

Relacionado a isso, muito se fala sobre a concorrência desleal e a errada precificação das peças, pois, alegam que a maioria dos artesãos da comunidade não calcula corretamente o valor de sua peça, e para conseguir vender, atribuem um valor inferior ao que deveria ser

cobrado, em que, muitas vezes, acabam por não ganhar nada sobre a venda e ao mesmo tempo, prejudicar a venda de outros. Além disso, citam que a falta de união também prejudica bastante a atividade, e alegam que alguns fazem de tudo para prejudicar o seu concorrente, como exemplo, temos um acontecimento relatado por um dos entrevistados, em que chegaram a dizer a um cliente de um artesão que o mesmo havia morrido, para assim, conseguir vender no seu lugar.

Perante isso, alguns põem sua esperança de melhoria sobre a união dos artesãos. Segundo grande parte dos entrevistados, se houvesse união na atividade, eles poderiam combinar e estabelecer uma média de preço afim que todos consigam vender, ter lucro e sobreviver no negócio, como visto nas falas: “ninguém procura valorizar o seu trabalho, se tivesse uma combinação de todos, e decidissem um preço, dava pra todo mundo”, ou:

Se todos os artesãos entrassem em um consenso e se unissem para melhorar a própria renda deles, porque por exemplo, você trabalha com artesanato e vende sua peça por um preço que dá pra você ganhar dinheiro, aí outra pessoa imita seu trabalho e vende mais barato, as vezes nem ganha dinheiro e faz só pra queimar o seu trabalho, e o comprador não quer o que aumentou, ele quer o mais barato.

Diante disso, reclamam que com esse tipo de comercialização, muitos se sentem reféns dos atravessadores, no sentido que, precisam se adequar ao valor estabelecido por eles para não perder a venda, “é assim o barro: Olhe eu encontrei ali do mesmo tamanho por 3 reais, eu vou pagar à vista por 2,50 viu? Aí, se você tá precisando, você acaba vendendo”. Citam também que existem peças que custam o mesmo valor desde 4 anos atrás, “aí como vai acompanhar se aumenta tinta, cola, aumenta tudo, mas ninguém aumenta o valor da peça?”. Perante essa situação, uma das entrevistadas sugeriu que houvesse palestras de educação financeira para toda comunidade, como forma de tentar ajudar o negócio do artesanato, “porque tem gente que bota o preço muito maior e outros muito menor, tem gente também que quer superfaturar e isso prejudica o comércio”.

Outra dificuldade percebida nas falas dos entrevistados foi a falta de reconhecimento, “tem tanta gente que não reconhece, não sabe o valor da arte, tanta gente que mora em Caruaru, mas não conhece o Alto do Moura, é falta de valorização mesmo”. Essa por sua vez, implica na falta de incentivo por parte do poder público e também pela própria comunidade, onde, se deveria ensinar e incentivar ainda mais a atividade para as próximas gerações, “as pessoas jovens não tem mais esse incentivo de aprender, aí procuram outras áreas”.

Além dessas, uma outra questão citada em proporção menor foi quanto à matéria prima, essa, envolve diversas questões. Enquanto alguns se preocupam com a escassez da

argila, outros reclamam da “burocracia” para adquiri-la, devido a fiscalização do poder público sobre as áreas nas quais são permitidas ou não fazer a retirada, “a gente sofre muito com a coleta do barro, porque tem hora que tem, tem hora que não tem no local que eles pegam”.

3.3 JOVENS QUE CONTINUAM NO ARTESANATO

Por ser uma atividade que se relaciona com o modo de vida da comunidade, e por possuir laços familiares junto ao negócio, é comum no Alto do Moura, que as crianças iniciem a fazer ou pintar peças ainda em sua infância. Esse é um dos principais motivos que levam os jovens a seguirem na atividade.

Mesmo perante diversos problemas relacionados ao negócio do artesanato, ainda se encontram jovens que decidiram, ou se viram levados, a continuar nessa atividade. Nesses, foi possível identificar diversos motivos e situações que os levaram a seguir na tradição local. Em primeiro instante, há quem iniciou na atividade ainda em sua infância por influência da família, continuou e construiu sua vida por meio do artesanato, e hoje, diante da crise, se vê fora do padrão de mercado exigido pelas empresas: “Aqui no Alto do Moura a gente vai se acostumando, se adaptando com aquele trabalho, né? E quando a gente menos espera, fecha e abre os olhos a gente já tá com 30, 35, 37, 40 anos, aí o mercado de trabalho não quer mais a gente e a gente também não tá adaptado a esse mercado de trabalho”.

Por segundo, há também quem já teve a atividade como principal fonte de renda, mas atualmente, utiliza-se dela como uma renda extra para complementar o sustento da família, conciliando assim com outro emprego, “pode olhar que o artesão aqui no Alto do Moura só consegue sobreviver bem se ele conseguir associar a arte do barro com outra coisa, com outra renda”. Como relatado na fala de um dos entrevistados, que apesar de gostar da atividade, acredita que é difícil sobreviver apenas dela, e por isso, além de artesanato, procura exercer outras profissões que surgem no seu dia a dia:

Eu procuro fazer outras atividades, mexo com eletricidade, trabalho na feira também, às vezes faço trabalho de garçom, churrasqueiro, essas coisas entendeu? A gente tem que fazer o que no momento tá saindo para a pessoa, porque se for esperar, não dá para sobreviver, a palavra certa é essa, para se manter só no barro hoje em dia tá muito difícil ... a maioria quer sair, arrumar um emprego fichado, e ficar fazendo só como se fosse um bico, um extra para a família dele.

Diante as diversas dificuldades, falam que para se manter na atividade, é preciso se adequar ao que os clientes pedem, ou seja, o valor simbólico do artesanato que normalmente está ligado a criação do singular, se desconstrói, pois, passam a tratar da atividade como uma produção em massa. Desta forma, relatam também que a rotina de trabalho se torna bastante puxada devido a produção de peças em série afim de cumprir a demanda das encomendas, e ressaltam: “nós não somos uma máquina, nós somos seres humanos”. Ressaltam também que apesar de em certa medida conseguirem fazer seus horários e sua rotina de trabalho, o artesão precisa se dedicar e tratar a atividade como uma profissão, com responsabilidade e compromisso com os clientes, “a gente tem que manter a palavra para o cliente, se o cliente disser assim: “eu quero tanto”, então eu tenho que manter aquilo com o cliente, tenho que ter palavra, porque se a gente não fizer outro faz”. Dizem também, que apesar de ser visto por muitos como lazer ou terapia, esse trabalho exige muito do profissional, e por não possuírem horário fixo, não significa que trabalham menos que outras atividade, “eu queria poder acordar seis horas da manhã, tomar meu café, trabalhar até meio dia, almoçar e descansar até duas horas, aí depois trabalhar até cinco horas e de noite descansar, dormir e curtir a família, **mas infelizmente eu trabalho de 12 a 15 horas por dia**”.

Em meio a essas circunstâncias, ressaltam que precisam saber balancear o trabalho com o seu dia a dia, e isso é uma dificuldade na comunidade, enquanto há alguns que não levam a sério o negócio, por tá muito ligado ao seu dia a dia ou por outros motivos, outros, trabalham mais do que o horário que deveria, “**nós somos patrões de nós mesmos, mas se a gente vacilar a gente vira empregado de nós mesmos**, esse é o problema”.

Por terceiro, apesar de existir poucos casos, há jovens da comunidade que saíram para estudar e voltaram para o artesanato. Uma das entrevistadas relata que já trabalhou em diversos locais da cidade e que possui formação técnica, mas, apesar disso, escolheu o artesanato:

Criticam muito por que o artesanato é uma coisa que as pessoas desvalorizam muito. Mas o artesanato para mim é minha fonte de renda, é meu trabalho que eu gosto e não troco por outro, não vou mentir. Sou formada em técnica de enfermagem, poderia estar dentro de um hospital, mas não, sou apaixonada também, mas deixa eu no artesanato mesmo.

Assim, é possível perceber que ao mesmo tempo que demonstram amor e orgulho pela atividade que desempenham, sempre deixam evidentes os problemas que enfrentam nela, e por isso, apesar de gostarem, muitos acabam optando por outra coisa: “Antes eu pensava que o artesanato seria minha principal profissão, mas hoje em dia a realidade é essa né, não tá

dando para sobreviver só do barro e ao invés dela ser a principal profissão, a gente tem que procurar outra para ser a principal e o barro ser um extra”.

Da mesma maneira, os jovens que deixaram a atividade também relatam com desânimo os problemas atrelados ao artesanato, e em sua maioria, dizem não acreditar em melhorias futuras. Quando perguntado a eles como enxergam os que continuam na atividade, foi recorrente falas como as seguintes: “vivem ...vivem apertado, mas vivem, as coisas acontecem mais devagar pra eles, pra ter uma casa, um carro, eles conseguem, mas demora mais” ou “eu não vejo um futuro progressivo, é aquela coisa sempre, aquele patamar sempre, não vemos uma perspectiva de um futuro melhor, é sempre uma dificuldade, **é sempre sobrevivendo, trabalhando pra ganhar o pão**”.

3.4 JOVENS QUE SAÍRAM DO ARTESANATO

Perante os diversos depoimentos do tópico anterior, é possível entender o impacto que a crise do artesanato vem gerando nos mais jovens. Para alguns entrevistados, “nem todo mundo que trabalha com o barro consegue sobreviver bem, ter uma casa boa, um carro ou uma moto, então muitos viram a oportunidade de ter um salário fixo e foram embora do artesanato”. Bem como falam que devido a atual situação da atividade artesanal, os jovens buscam encontrar outro modo de vida para sobreviver, principalmente, devido aos exemplos e dificuldades que vivenciam em suas casas e no seu meio social: “Eu acho que vai acabando o artesanato, porque nossas crianças vendo essa situação não vão querer trabalhar com o artesanato em barro, eu acho que quando uma criança passa perto do bolo de barro tem é raiva”.

Em meio a isso, os jovens estão seguindo diversos rumos ocupacionais, onde alguns optaram por investir nos estudos, outros saíram para trabalhar em outros negócios da cidade, e há também quem resolveu abrir seu próprio negócio na comunidade. Além disso, o melhor acesso às informações e à cidade também influenciou no crescente desinteresse dos mesmos, como relata um entrevistado: “escolhi outro modo de viver e fui trabalhar no distrito industrial”.

Vale a pena ressaltar o papel que o artesanato desempenha dentro da comunidade, uma vez que, mesmo que alguns tenham dito que nunca pretenderam ter o negócio do artesanato como profissão futura, se utilizaram da mesma para alcançar outros objetivos. Uma das entrevistadas citou, que foi com o dinheiro que juntou trabalhando no barro, que conseguiu

pagar sua faculdade, outra relata que devido à dificuldade financeira da sua família, iniciou na pintura para conseguir comprar suas coisas, já que seu pai não tinha condições. Há também quem optou pela atividade, mesmo sem gostar, por ser a primeira oportunidade mais evidente para se ganhar dinheiro na comunidade, “como a parte financeira era mais difícil antigamente, a gente aprendia pra ter nosso próprio dinheiro, eu comecei a pintar com 12 anos e **minha independência consegui com 15, pintando artesanato**”.

No entanto, os entrevistados que relataram a importância do artesanato em sua infância e adolescência, apesar de ter obtido êxito em seus objetivos através da mesma, falam que não enxergam uma rentabilidade adequada na atividade, “eu nunca coloquei como meta pra mim não, como trabalho pro resto da vida como o pessoal daqui faz, porque é uma coisa que você não vê uma rentabilidade legal”. Do mesmo modo, foi relatado que uma das entrevistadas só se distanciou da atividade depois que começou os seus estudos, principalmente devido a dinâmica de estágio, em que precisou parar com o artesanato, e depois disso não voltou mais e hoje tem seu próprio negócio, “hoje em dia o barro não é minha fonte de renda, a minha fonte é o bar, eu trabalho lá com meu esposo, é onde pago minhas contas e pago o colégio da minha filha, porque aqui não dá mais, passou o tempo que dava, só antigamente”.

A forma como o desengajamento acontece chama atenção, pois, ocorre em certa medida de forma espontânea, onde, apesar de receberem influências da família e de todo o meio social, quando crescem e enxergam novas oportunidades, são levados por elas em busca de um modo de vida melhor: “aqui como é de costume, a gente já nasce com o barro no sangue e não tem como, desde 10 anos a gente já sabe fazer alguma coisa, os pais sempre incentivam a fazer, até como uma maneira de ganhar seu dinheirinho né? **Eu já trabalhei sendo pintora de alguém e com 17 anos decidi que não queria mais**”.

Desta maneira, mesmo que de forma espontânea, a nova geração vem modificando o cenário local, onde antes a maioria da comunidade só optava pelo artesanato, hoje os jovens conseguem ter uma visão avançada do que podem conseguir algo que pode ser ilustrado na fala de uma jovem de família tradicional que foi a primeira de sua família a se formar em curso superior e hoje trabalha em uma instituição de ensino: “eu quebrei um paradigma, um roteiro que vinha sendo seguido, mas eu não me arrependo de ter estudado”.

Mediante tantos tipos de perfis citados, há também, mesmo que em minoria, quem é “nascido e criado” no Alto do Moura mas nunca trabalhou com artesanato, “porque não é valorizado esse trabalho, aí eu nunca tive interesse, eu via que só tinha futuro pra quem compra e revende pra outras pessoas, porque aqui não é tão valorizado como era pra ser”.

Em síntese, O Alto do Moura é considerado por muitos moradores como um bairro singular, principalmente quando comparado com os outros da cidade, por possuir valor simbólico como visto na seção 3.1. Entretanto, é comum ouvir dos seus moradores que o bairro não recebe o reconhecimento que lhe seria devido, principalmente por sua produção carregar o nome de Caruaru para feiras e exposições em todo Brasil.

Foi possível perceber que grande parte das dificuldades citadas na sessão 3.2, estão relacionadas ao baixo retorno financeiro da atividade artesanal. Essa por sua vez, é associada a uma série de outros problemas que foram por eles próprios identificados, como a crise política e econômica nacional e sua repercussão local, a falta de divulgação e a concorrência tida por eles como desleal. Bem como ressaltam que, em consequência desses fatores, a atividade se torna instável e com baixa rentabilidade, e conseqüentemente, os jovens estão perdendo o interesse em continuar o negócio do barro.

Com a crise do artesanato no século XXI e as dificuldades financeiras atreladas a ela, emerge-se então uma tensão na nova geração: Continuar na atividade *versus* trabalhar em outro negócio. Por um lado, existem os jovens que continuam na atividade (3.3), e por terem sobrevivido durante um bom tempo apenas desse ofício, hoje, enfrentam as dificuldades do ofício pois não se adequam ao mercado de trabalho. Por outro, existem os jovens que optaram ou se viram levados a sair da atividade (3.4), pois em tempo, conseguiram enxergar outras oportunidades e novos meios para obter um futuro melhor em relação a situação atual em que vivem.

4. A TENSÃO EMERGENTE E AS NOVAS GERAÇÕES

Diante das dificuldades e dos diversos modos de se relacionarem com a atividade retratado na sessão anterior, emerge então nos jovens uma tensão entre permanecer no artesanato e dar continuidade à tradição local, ou migrar para outro tipo de negócio, seja por se verem pressionados a tal escolha, opção ou desejo. Bem como, o que desejam para seus filhos e para a futura geração da comunidade.

Com a crise do artesanato e o fácil acesso a outros meios de sobrevivência, os jovens da comunidade enfrentam diversos dilemas, principalmente em relação a manter a cultura local e continuar o legado da família ou quebrar esse ciclo, migrando para outros negócios afim de conseguir uma situação financeira melhor. Como foi possível observar na fala de uma entrevistada que se diz “apaixonada pelo artesanato”, mas optou por outra coisa devido “as condições do mercado”, mesmo registrando que: **“se eu pudesse e tivesse condições eu queria, até porque é um legado da minha família, eu sou a geração atual, meus filhos serão a futura geração, mas não tem como, infelizmente o mercado não possibilita mais uma vida de qualidade pra quem quer viver do artesanato”**.

4.1 CONTINUAR NO ARTESANATO *VERSUS* TRABALHAR EM OUTRA ATIVIDADE

O valor simbólico e o olhar romantizado que a atividade recebe chama atenção, pois, apesar de muitos jovens citarem diversos problemas que o ofício enfrenta no século XXI, ainda consideram a atividade singular, principalmente porque é possível por meio dela materializar a cultura e tradição local, destacando também seu modo de fazer e como é transmitido de geração em geração.

Sobre a atividade, é recorrente escutar dos jovens que deixaram o artesanato que: “dá pra vender uma coisinha, mas não dá pra suprir tudo”. É possível perceber nas entrelinhas de suas falas que alguns possuem esperança de melhoria, apesar de se mostrarem desacreditados com o contexto atual em que se encontra o negócio: “se eu pudesse, se hoje fosse visto com outros olhos e a gente tivesse mais oportunidades, eu queria viver do barro”.

Neste quesito, foi possível estabelecer o que os entrevistados consideram melhor e pior no artesanato, bem como, os pontos positivos e negativos do seu emprego atual. Os que trabalham na atividade dizem achar bom “que você trabalha pra você mesmo”, além disso,

“no barro, você faz seus próprios horários” e possui “liberdade de fazer seu próprio salário”. Outro ponto relevante é quanto a dinâmica de trabalho, que mesmo diante à pressão das encomendas, dizem ser um trabalho calmo, considerado por alguns como uma terapia, “a melhor coisa é a calma, apesar das encomendas e das pressões algumas vezes, você trabalha em casa e no seu horário”.

Como pontos negativos sobre o ofício, citaram várias dificuldades que estão associadas ao baixo retorno financeiro que a maioria dos artesãos recebem. A concorrência foi uma das mais citadas: “o povo não sabe a diferença de pintar, do trabalho e do custo, aí tem essa queima de preço que atrapalha muito o comércio”. Também a instabilidade financeira que vem assustando a nova geração, “**você tem hoje, mas não sabe se tem amanhã né?**”. Fora essas questões, surgiram reclamações sobre a falta de reconhecimento por parte do poder público, “o artesão sofre hoje aqui em relação ao reconhecimento que só alguns tem, que só priorizam alguns aqui”. Além disso, falam também sobre a falta de direitos e planejamento da maioria dos artesãos do bairro, como por exemplo, o direito de ter uma aposentadoria ou pagar um INSS (Instituto Nacional do Seguro Social), o que, conseqüentemente, deixa a atividade muito instável, “e se adoecer e ficar impossibilitados eles vão viver de que?”.

Sobre a atividade que desempenham atualmente, muitos falam que optaram por outro meio de sobrevivência pois foram em busca de uma maior estabilidade econômica, em que, em certa medida, as grandes empresas possibilitam, pois, possuem salário e dia fixo para pagamento. Há também quem saiu da atividade por conseguir ganhar mais em outro tipo de emprego, e quem, pelo mesmo motivo, resolveu abrir seu próprio negócio e fale: “é melhor porque dá menos trabalho e é melhor financeiramente”.

Por outro lado, uma das entrevistadas que atua como enfermeira, citou que sua jornada de trabalho se torna muito exaustiva, outro, que trabalha em um restaurante do Alto do Moura, reclama que por trabalhar alguns domingos e feriados, muitas vezes não consegue estar com sua família. Além destes, uma entrevistada que é proprietária de um bar da comunidade fala sobre a insegurança, “se pudesse eu queria viver do barro porque você faz seu horário, não é um trabalho arriscado, porque você trabalha fora pode ser assaltado, você trabalha no bar até 2h, 3h da manhã corre risco né?”.

Dessa maneira, ressaltam que apesar da importância da atividade, atualmente não conseguem sobreviver apenas dela. Diferente do que acontecia nas antigas gerações, hoje os jovens buscam conciliar o artesanato com outra forma de sobrevivência. É dessa forma que se emerge a tensão entre sair ou permanecer no ofício, evidenciada na fala de uma entrevistada que faz artesanato nas horas vagas e diz que se fosse para optar por seu emprego atual ou o

outro ofício, continuaria onde está, entretanto não conseguiria “viver sem nenhuma das duas não”. Também, um jovem que ainda trabalha com artesanato e se vê pressionado diante as mudanças no cenário local ressalta: “eu tô naquela história, se correr o bicho pega e se ficar o bicho come, então não sei se eu continuo aonde eu sou apaixonado e amo, que é o barro, ou se procuro outra coisa”.

A condição contemporânea desses jovens imersos na crise do artesanato em barro, os leva a conviver com tensões como acima ilustradas. Além das várias questões que estão ligadas aos problemas financeiros, percebe-se de forma recorrente que a falta de reconhecimento e o valor simbólico que atribuem á atividade também é uma tensão incorporada na nova geração. É por esses motivos que muitos dizem não incentivar seus filhos, ou pretendem que seus filhos aprendam a fazer, entretanto, não como profissão.

4.2 O QUE SE ESPERA PARA AS PRÓXIMAS GERAÇÕES?

Com o relativo melhor acesso a novas possibilidades de ocupação e geração de renda, os mais novos vêm gradativamente migrando para outros ofícios, seja abrindo seu próprio negócio, investindo em estudos ou trabalhando nas grandes empresas da cidade. Apesar de muitos se encontrarem desacreditados com o cenário local, falam que o crescente desengajamento dos jovens no século XXI é também influenciado pelo aumento do interesse deles em estudar e se qualificar para o mercado de trabalho, “a maioria não quer artesanato, vai sempre procurar outras coisas, se aperfeiçoar, hoje tem muito curso, tá tudo mais acessível. Pra ter um emprego melhor, pra estudar melhor, tem muita coisa que ajuda pra você ter uma boa vida no futuro”, e “tudo isso vai tirando o foco do artesanato”.

É muito comum ouvir reclamações de alguns da comunidade sobre a falta de incentivo dos próprios familiares para a nova geração, por isso, alguns apontam esse fator como um dos principais ocasionadores do desinteresse dos jovens com a atividade. Cria-se então uma tensão silenciada, onde, mesmo que alguns enxerguem isso como um dos problemas que acarretam no desengajamento, também possuem em seu íntimo o desejo de ver seus filhos em um futuro melhor do que o que vivem hoje, “veja, meus pais faziam, eu aprendi com eles e comecei a ganhar dinheiro com isso, mas olhe, **minha filha hoje não tem isso, eu quero que ela vá estudar, quero que ela tenha uma profissão**”.

Também, grande parte dos entrevistados relatam que irão incentivar seus filhos a se dedicarem aos estudos, e ao mesmo tempo, esperam que eles saibam fazer peças de barro,

porém, apenas para manter a tradição local. Assim, dizem achar melhor que escolham outra profissão para seguir, “estudar sempre é bom, se eles quiserem estudar eu dou total apoio, até porque eu não paro de estudar, mas o que eu puder ensinar do artesanato eu vou ensinar, porque é legado da minha família né?”.

Um outro ponto, dito por alguns como um dos mais preocupantes, é a mudança do valor simbólico que a atividade possui diante os mais jovens, os quais, falam que as crianças não enxergam mais a atividade como uma tradição ou legado cultural da família, e por isso, em certa medida, desvalorizam esse ofício, “a geração que está crescendo agora vai procurar estudar e fazer outras coisas. Eu tiro pelas crianças aqui de casa, eu não vejo elas falando não. A mãe delas sabe fazer bonecas, mas eu não vejo esse amor de querer aprender a pintar, não é aquele amor que a gente tinha antigamente”.

Em meio a diversas críticas e apontamentos em busca de entender o fator gerador do aumento da migração da nova geração para outros negócios, se observa que por um lado existem aqueles que dizem acreditar que o artesanato vai acabar no futuro. Entretanto, a maioria dos entrevistados dizem crer que a quantidade de artesão da comunidade vai diminuir bastante, mas não chegará a acabar, e justificam-se: “sempre tem gente inovando, aprendendo, mesmo que alguns saiam, como os filhos do meu pai, mas não é geral, é uma coisa que passa de pai pra filho, então eu acho que acabar não”. Também tomam como exemplo a geração atual de jovens artesãos que enfrentam dificuldades e mesmo assim permanecem na atividade, e da mesma forma que isso acontece nos dias de hoje, acreditam que irá se repetir no futuro, “tem muitos seguidores né, tem gente que ainda quer, por exemplo, tem gente da minha idade que não quer ir pra uma empresa, tenho um colega mesmo que é bem novo, mas não deixa não, só quer barro, aí isso aí vai passando de geração pra geração”.

Um outro argumento usado para apoiar a ideia de que o artesanato não chegará a acabar no futuro, é associado a maneira que as crianças da comunidade estabelecem seu primeiro contato com o barro, na maioria das vezes ainda em sua infância como forma de brincadeira, ou para conseguir uma renda extra para ajudar sua família. É dessa imersão que muitos acabam se identificando com o ofício e optam por continuar, “porque por menos interesse que a pessoa tem, eu vejo pelos meus primos e sobrinhos, eles gostam, e toda criança gosta de brincar com esse tipo de coisa e acaba aprendendo, então é uma forma de diversão e alguns acabam continuando”.

Em síntese, é possível identificar outros fatores, além dos que estão ligados a questão financeira do ofício, que influenciam no emergente desengajamento dos jovens da atividade.

Entre alguns citados acima, destaca-se o melhor acesso à tecnologia, ao mercado de trabalho e aos estudos, pois, pode ser por meio desses caminhos que alguns jovens despertem o interesse em buscarem novas oportunidades, se qualificarem ou enxergarem vantagens em outras ocupações.

É interessante ressaltar que mesmo que isso seja contrário a tradição do local, esse fator é bem visto até pelos mais velhos, que dizem apoiar e incentivar seus filhos e netos a estudarem para que consigam alcançar um futuro melhor do que o que vivem hoje.

Logo, se faz presente nesse contexto a tensão entre continuar no artesanato ou deixar para seguir outro caminho (4.1), levando em considerações os pontos bons e ruins de cada tipo de atividade. Esse dilema impacta não só na nova geração, mas também, em toda comunidade que diz se preocupar com a continuidade da atividade, e até mesmo se questionam de tal maneira: “será que o artesanato vai acabar?” ou “quem serão os próximos mestres?”.

Por fim, chama atenção o que os entrevistados dizem almejar para as futuras gerações (4.2), na medida que ressaltam seu amor pela atividade artesanal, grande parte fala que pretende incentivar seus filhos a seguirem por outros caminhos para sobreviver e oferecer uma vida financeiramente mais estável para suas respectivas famílias. Desta forma, essa tensão torna-se ainda mais preocupante, visto que a tendência do desengajamento dos jovens é aumentar, mesmo que alguns ainda optem por continuar, o número de artesãos na comunidade pode se tornar bem menor.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do mapeamento dos problemas e tensões realizado nessa pesquisa, foi possível identificar quais são as principais motivações que estão influenciando no desengajamento dos jovens da comunidade, bem como o impacto que isso vem causando no modo de vida e no modo de ver a atividade e suas expectativas futuras. A preocupação com a questão da continuidade do fazer artesanal não está presente apenas no Alto do Moura, podendo ser visto também, de forma um tanto discreta, nas falas de outras pessoas que não estão diretamente ligadas a atividade, mas que se preocupam com o futuro da mesma por reconhecer a força que o bairro tem dentro da cidade. Quanto a isso, é recorrente escutar que “Caruaru sem a feira e sem o Alto do Moura é uma cidade qualquer”, demonstrando assim a potência cultural que possui o local.

Se para a geração anterior o artesanato se configurou como alternativa ocupacional de renda, isso não vem se confirmando como parte significativa dos mais jovens, havendo aí dois fatores que mais se destacam: A dificuldade de transmissão geracional da atividade e o contexto enfrentado por ela no século 21.

A partir desta pesquisa é possível inferir que mediante o cenário de crise em que vivencia o artesanato, boa parte dos moradores do Alto do Moura estão enxergando o ofício como qualquer outro, ou até mesmo como apenas uma renda extra, excluindo assim um tanto do seu valor simbólico de “arte” e singularidade. Devido ao rumo que a atividade vem tomando, surge a preocupação de muitos quanto: “quem serão os próximos mestres?” ou “o artesanato vai acabar?”.

Segundo a maioria dos entrevistados, muitos dos problemas que a atividade enfrenta atualmente estão relacionados ao pouco retorno financeiro que dizem receber. Assim, alguns chegam a detalhar como conseguiram viver melhor antes da crise, e como vivem atualmente na busca pela sobrevivência do negócio. Essas grandes mudanças aconteceram em um curto espaço de tempo, devido a isso, a adaptação “forçada” ocasionou um impacto que vai além dos problemas econômicos, refletindo também nos problemas sociais, e principalmente em questões de saúde, onde vem se gerando uma população tensionada, aumentando assim o índice de ansiedade e de problemas psíquicos em toda comunidade.

A chamada “crise” também se configura no conflito de identidade que a comunidade vivencia. Ao mesmo tempo que se percebe em algumas falas o desejo por modernização, nota-se em suas entrelinhas a falta que sentem dos costumes e hábitos antigos, lembrando alguns vezes do modo como se relacionavam na comunidade, como viviam e como trabalhavam e se mantinham fazendo o que gostavam. Assim, existe a hipótese de que os jovens não conseguem se enxergar nesse misto de identidade que passa a existir no bairro, e por isso, chegam a se sentir perdidos sobre o que desejam para o seu futuro.

Esses fatores nos levam a acreditar que além do problema financeiro que vivenciam, a falta de reconhecimento pelo trabalho também preocupa os moradores do local. Se por um lado os mais tradicionais dizem ser importante manter a cultura e transmitir o conhecimento de geração em geração, por outro, há aqueles que incentivam e apoiam os seus filhos para buscar outras coisas, pois, devido ao modo de vida e sofrimento que passam, afirmam almejar um futuro melhor para a nova geração. Desta forma, pode-se imaginar que se houvesse um fortalecimento do negócio do barro, os jovens, vendo a dinâmica de vida dos seus pais, passariam a ter um maior interesse no ofício. Também, vale ressaltar que a melhoria das

vendas, além de trazer ganhos para a comunidade, beneficiaria toda cidade através da valorização do turismo local e do crescimento da renda do bairro.

Por fim, não cabe a essa pesquisa estabelecer soluções para tais tensões mapeadas. Entretanto, ela nos permite trazer a reflexão quanto o horizonte de futuro da atividade e dos jovens do Alto do Moura. Assim, ficam como questões para a ABMAM: Quais caminhos poderiam ser seguidos pelos próprios moradores, para que através de ações internas, conseguissem reverter algumas das dificuldades que vivenciam no negócio do artesanato? E como a associação, levando em consideração sua força dentro da comunidade, poderia lutar e promover ações de incentivo e valorização da atividade?

Para o poder público, seria interessante uma audiência pública para discussão sobre o Alto do Moura e sobre o artesanato, buscando assim entender melhor o contexto local e as necessidades e demandas da comunidade. Ficam então as seguintes questões: Como o poder público, junto com a comunidade, poderia atuar e melhor lidar com tais problemas? E quais medidas poderiam ser tomadas para atrair mais turistas para o Alto do Moura, bem como, o que poderia ser feito para aumentar o reconhecimento da produção local na cidade e no Brasil?

Enfim, para pesquisas futuras, devido à falta de conteúdos voltados para questões de desengajamento dos jovens de atividades artesanais, ficam: Quais seriam as principais mudanças que levariam os jovens a se interessarem pela atividade artesanal? E, em meio as mudanças ocorridas no século XXI, o que poderia levar a nova geração, com o fácil acesso à tecnologia, a se interessar pelo fazer manual do artesanato e como poderia utilizar esses novos veículos de comunicação para o benefício da atividade?

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, D. M. M. de. **João e Maria de Barro - Quem São? As Loiceiras do Tope, em Viçosa do Ceará**. Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Dissertação. Universidade Federal de Pernambuco, Recife: 2006.
- BANCO DO NORDESTE (Brasil). **Ações para o desenvolvimento do artesanato do Nordeste**. 2. ed. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2002.
- BEZERRA, N. X. **Cerâmica de Santo Antônio do Potengi**: Entre tradição e modernidade. 2007. Mestrado em Antropologia Social. Dissertação. UFRN, Natal: 2007.
- BRANDÃO, P. M.; SILVA, F. R. M.; FISCHER, T. Potencialidades do artesanato no desenvolvimento de créditos de destinos turísticos e papel de sustentabilidade na proporção de vantagem competitiva. **Tourism & Management Studies**, v. 1, 2013.
- BRASIL. Portaria nº 29 de 05 de outubro de 2010. **Torna pública a base conceitual do Programa do Artesanato Brasileiro (PAB)**. Diário Oficial da União, República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, nº 192, quarta-feira, 6 de outubro de 2010, Seção 1, p. 100, 2010. **Acessado em: 06/05/2018**.
- CAMPOS, L. J.; ALQUATTI, R.; PEREIRA, I. Artesanato, cultura e turismo: o discurso estético-político nas arpilleras. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, v. IX, n. 2, p. 235-253, jul.- dez. 2012.
- CARVALHO, H. C. B. de. **Artesanato de caixeta em São Sebastião – SP**, 2001. Dissertação (mestrado) - Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, 2001.
- CASTILHO, M. A.; DORSA, A. C.; SANTOS, M. C. L.; OLIVEIRA, M. M. G. **Artesanato e saberes locais no contexto do desenvolvimento local**. Interações (Campo Grande), Campo Grande, v. 18, n. 3, p. 191-202, Set. 2017.
- FERREIRA, C. **Em nome da terra: estudo comparado das produções em cerâmica do Alto do Moura e do Vale do Jequitinhonha**. Congresso Nacional de Iniciação Científica, 15º, São Paulo, 2015.
- GONÇALVES, F. A; ALMEIDA, A. M. **A reestruturação produtiva e as implicações no trabalho artesão no Alto do Moura, em Caruaru-PE**. Resultado de investigação finalizada. GT 18, 2013. Acta científica XXIX congresso de la Asociación Latinoamericana de sociología.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Coordenação de População e Indicadores Sociais**. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecacatalogo?view=detalhes&id=236016>>. **Acesso em: 21/06/18**.
- LIMA, S. F. **Invenção e tradição**: Um olhar plural sobre a arte figurativa do Alto do Moura. Dissertação de Mestrado em Multimeios. UNICAMP-Campinas, SP: 2001.

MAZZA, A. C. A.; IPIRANGA, A. S. R.; FREITAS, A. A. F. de. O design, a arte e o artesanato deslocando o centro. **Cadernos EBAPE.BR**, Dez 2007, vol.5, no.4, p.01-11. ISSN 1679-3951

MDIC. (2002). **MDIC e Sebrae lançam projeto do artesanato na BR 040**. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio. Recuperado de <http://tinyurl.com/4hz8u43>

OLIVEIRA, J. S.; CAVEDON, N. R.; FIGUEIREDO, M. D. O artesanato na ótica de quem o produz... **RIGS-Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v.1 n.3 set./dez. 2012. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/rigs/article/viewFile/10056/7185>>. Acesso em 21/06/18.

RAMOS, S. P. Políticas e processos produtivos do artesanato brasileiro como atrativo de um turismo cultural. **ROSA DOS VENTOS-Turismo e Hospitalidade**, v. 5, n. 1, 2013.

ROCHA, D. N. “**A arte é para todos**”: patrimônio cultural, tradição de conhecimento, processos sociotécnicos e organização social do trabalho entre os artesãos do Alto do Moura. Mestrado em Antropologia. Dissertação. UFPB, João Pessoa, 2014.

SEBRAE. (2008). **Artesanato: um negócio genuinamente brasileiro**. Disponível em: http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/solucoes_online/biblioteca-sebrae-publicacoes-cartilhas-e-guias,226d4cd8d46e4410VgnVCM1000003b74010aRCRD acessado: 20/05/18.

SECRETARIA DO GOVERNO- PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Programa do Artesanato Brasileiro**. 2010. Disponível em: <http://www.secretariadegoverno.gov.br/micro-epequenaempresa/assuntos/programa-do-artesanato-brasileiro> acessado: **08/05/2018**

SILVA, A. J. **Mulheres vestidas de barro e os sentidos da produção de mestras artesãs da comunidade do Alto do Moura em Caruaru/PE**. Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea. Dissertação. UFPE, Recife: 2016.

SILVA, L. P. da. **A disputa da Argila pelos artesãos do Alto do Moura Caruaru-PE**. Dissertação de Mestrado em Geografia. UFPE, 2007.

SOUSA, D. R. F. et al. **Cenário cultural de Caruaru: uma perspectiva sobre cidade criativa**. Estudos Interdisciplinares de XVII Congresso de Ciências da comunicação na Região Nordeste. Natal, Rio Grande do Norte, 2 a 4 de junho de 2015.

TEIXEIRA, M. G. et al. **Artesanato e desenvolvimento local: o caso da comunidade quilombola de Giral Grande, Bahia**. Interações, Campo Grande, v. 12, n. 2, p. 149- 159, jul./dez. 2011.

VERGARA, S; SILVA, H. Organizações Artesanais: Um sistema esquecido na teoria das organizações, **Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão**, p.35, 2007.

APÊNDICE A: ROTEIRO ENTREVISTA COM JOVENS DA COMUNIDADE QUE NÃO ESTÃO NO NÉGOCIO DO ARTESANATO

Questões preliminares:

- Qual o seu nome, idade e escolaridade?

(Caso tenha ensino superior ou técnico)

- Qual o curso e por que escolheu?

EIXO 1: Atividades prévias e atual do entrevistado

1- Em que você trabalha/o que faz atualmente?

- Por que faz isso?

- Gosta ou não do que faz? Por quê?

- Pretende continuar nesse trabalho?

2- Você já trabalhou com o artesanato alguma vez?

- **Se sim**, por que não trabalha mais?

- Gostava de trabalhar com artesanato?

- Você prefere o seu trabalho atual ou o artesanato?

- **Caso não**, por que nunca quis?

- Se as coisas fossem diferentes, gostaria de trabalhar no artesanato?

3- Se você pudesse escolher uma profissão pra sobreviver hoje, qual seria? Por quê?

4- Pra você, o que há de melhor e pior em trabalhar com o artesanato?

- E no seu emprego, o que há de melhor e o que há de pior?

EIXO 2: Razões do não engajamento

1- Seus pais trabalham ou já trabalharam no artesanato?

- Atualmente o que fazem?

- Quem da sua família ainda trabalha com artesanato?

2- E da sua geração, seus primos, irmãos e amigos de infância fazem o que hoje?

- Alguns estão no artesanato?

- Os que não estão no artesanato fazem o quê?

3- Pra você, qual o principal motivo do afastamento dos jovens na atividade artesanal do Alto do Moura?

-Tem alguns exemplos de pessoas próximas?

EIXO 3- Horizontes de futuro

1- Além desses motivos, quais as maiores dificuldades que o artesanato encontra atualmente?

-Você acredita que isso pode melhorar? De que forma?

2- Ao seu ver, qual a importância do artesanato do Alto do Moura para Caruaru?

- Você acha que o artesanato em barro pode acabar?

- O que poderia ser feito para reverter essa situação?

3- Quais horizontes de futuro você enxerga para os jovens da comunidade?

- Você acha que sua escolha profissional é uma boa alternativa para outros jovens da comunidade? Caso não, quais outras seriam?

- Como você vê os demais jovens de sua idade que optaram por seguir no artesanato?

APÊNDICE B: BREVE RELATO DE EXPÊRIENCIA E DEMAIS ATIVIDADES DE PESQUISA

Esse trabalho foi elaborado a partir de minha experiência como bolsista PIBIC-FACEPE. Meu envolvimento com a pesquisa e com os diversos temas foi essencial para o meu crescimento intelectual e pessoal, e sem dúvidas, para o desenvolver desse trabalho. Além das 8 entrevistas com jovens que saíram do artesanato e do grupo focal com jovens que continuam na atividade citados na introdução desse trabalho, estive envolvida na realização de cinco entrevistas com formadores de opinião, e de outras 20 entrevistas com proprietários do negócio do artesanato e 10 com proprietário de outros negócios. Além dessas entrevistas, para entender melhor a dinâmica de venda de peças para a feira de artesanato de Caruaru, 6 entrevistas com comerciantes atuantes na feira do artesanato de Caruaru também foram realizadas.

Para nos aprofundarmos em outras questões que nos chamaram atenção, realizamos mais dois grupos focais, além do que já foi citado anteriormente, sendo um com a ABMAM (Associação dos Artesãos em Barro e Moradores do Alto do Moura) e outro com o grupo de mulheres artesãs “Flor do Barro”. Essa experiência foi de uma riqueza imensa, visto que esse tipo de dinâmica proporciona uma fluidez melhor das falas dos entrevistados e uma grande quantidade de informações em diferentes pontos de vista. Outro trabalho de campo também realizado foram as notas que tomamos em algumas tardes no Alto do Moura. Seleccionamos alguns artesãos para observar a dinâmica de trabalho, escutar o que tinham para falar sem seguir roteiros e entender melhor o negócio do barro, a partir disso, tomamos notas do que nos foram chamando atenção.

Na pesquisa foi possível identificar diversos temas e tensões emergentes na comunidade, como por exemplo, a dificuldade para manutenção econômica do artesanato e os novos negócios da comunidade, modos de se relacionarem, questões de reconhecimento, outras ligada a infraestrutura local, modos de produção, desengajamento dos jovens, entre outras. Essa última, foi aprofundada e melhor mapeada no desenvolver desse trabalho.